

**ESCRITURAS DE MAZELAS VIVENCIADAS NA PELE:
REFLEXÕES SOBRE INCIDENTS IN THE LIFE OF A
SLAVE GIRL, DE HARRIET ANN JACOBS, E QUARTO
DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

WRITING OF MISERY LIVED IN ONE'S OWN SKIN: REFLECTIONS ON HARRIET ANN JACOBS'S INCIDENTS IN THE LIFE OF A SLAVE GIRL AND CAROLINA MARIA DE JESUS'S QUARTO DE DESPEJO

Frédéric GRIECO¹

Resumo: O relato *Incidents in the life of a slave girl*. Written by herself, de Harriet Ann Jacobs, publicado originalmente em 1861, e o diário *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, publicado pela primeira vez em 1960, estão dentro da convenção de veracidade, ou seja, são textos que pretendem corresponder à realidade. Essas obras literárias são narrativas autobiográficas de mulheres negras marginalizadas – uma que, nos Estados Unidos do século XIX, foi escrava durante a infância e a juventude, Harriet Ann Jacobs, e outra que, no Brasil do século XX, viveu na favela do Canindé e foi catadora de lixo reciclável, Carolina Maria de Jesus. Considerando esses aspectos sobre essas obras e suas escritoras, a hipótese deste trabalho é a de que esses textos configuram uma ruptura das autoras-narradoras em relação ao silenciamento e à invisibilização a que elas estavam submetidas devido a opressões sócio-histórico-culturais, tais como o patriarcalismo, a misoginia e o racismo. Para desenvolver este artigo, recorro a apontamentos teórico-conceituais de Walter Mignolo sobre a convenção de veracidade, de Djamila Ribeiro sobre lugar de fala e de Kimberlé Crenshaw sobre interseccionalidade.

Palavras-chave: Harriet Ann Jacobs. Carolina Maria de Jesus. Convenção de veracidade. Lugar de fala. Interseccionalidade.

Abstract: Both stories, *Incidents in the life of a slave girl*. Written by herself, by Harriet Ann Jacobs, originally published in 1861, and *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, by Carolina Maria de Jesus, first published in 1960, are within the *veracity convention*, that is, they are texts intended to correspond to reality. These literary works are autobiographical narratives of marginalized black women – the first one who, in the 19th century in the United States, was a slave during her childhood and youth, Harriet Ann Jacobs, and the second one who, in 20th century in Brazil, lived in the Canindé slum, and was a garbageman, Carolina Maria de Jesus. By considering these aspects about these works and their writers, the hypothesis of this paper is that these texts constitute a rupture of the authors and narrators in relation to the silencing and invisibilization to which they were subjected due to socio-historical-cultural oppressions, such as patriarchy, misogyny and racism. In order to develop the discussion in this article, I draw on theoretical and conceptual notes made by Walter Mignolo on the convention of truth, Djamila Ribeiro on place of speech, and Kimberlé Crenshaw on intersectionality.

Keywords: Harriet Ann Jacobs. Carolina Maria de Jesus. Veracity convention. Place of speech. Intersectionality.

¹ Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

O relato autobiográfico *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*, da escritora estadunidense Harriet Ann Jacobs (JACOBS, 2018), publicado originalmente em 1861 com o título *Incidents in the life of a slave girl. Written by herself* (JACOBS, 1861), e o diário *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado pela primeira vez em 1960 (JESUS, 2014)², estabelecem uma relação de indissociabilidade entre a imagem da autora e da narradora do texto. Harriet Ann Jacobs (1813-1897) nasceu na condição de escrava na Carolina do Norte, mas fugiu para o Norte dos EUA em 1842 e lá conseguiu a sua alforria em 1852. Jacobs contribuiu para o movimento abolicionista estadunidense através da escrita de uma autobiografia sobre a época em que foi uma escrava e através de seu trabalho voluntário como uma enfermeira dos soldados da União na Guerra Civil Americana. Já a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) viveu por muitos anos na favela do Canindé, em São Paulo, e, durante esse período, escreveu um diário sobre as mazelas sociais, tais como a fome e a violência, que ela sofreu na condição de favelada. A obra *Quarto de despejo* foi publicada graças ao intermédio do jornalista Audálio Dantas, que, numa reportagem sobre a favela do Canindé, conheceu Carolina e descobriu que ela escrevia um diário.

Em *Incidents in the life of a slave girl* e *Quarto de despejo*, a inseparabilidade entre as figuras das autoras e das narradoras dos textos são decorrentes de um alinhamento dessas obras literárias à convenção de veracidade e não à convenção de ficcionalidade. O que está em jogo nessas obras literárias é o desenvolvimento de um relato factual sobre a vida das próprias autoras, que vivenciaram na pele, como mulheres negras marginalizadas, diversas mazelas sociais. Levando em conta o caráter autobiográfico desses dois textos, a hipótese deste artigo é a de que a escritura dos mesmos representa uma ruptura em relação à invisibilização e ao silenciamento social daqueles que estão em uma situação de subalternidade, que não têm vez nem voz. Enquanto Jacobs assume uma voz contra o sistema escravocrata estadunidense no século XIX, Jesus corporifica uma voz contra a marginalização e a miséria no contexto das favelas brasileiras no século XX. Cerca de um século e milhares de quilômetros distanciam histórica e geograficamente a obra dessas duas autoras; contudo, a condição de marginalidade socioeconômica, a misoginia, o racismo e a transgressão através da escrita literária perpassam tanto as vivências de Jacobs quanto as de Jesus. O

² De modo geral, ao longo deste artigo, refiro-me às obras de Jacobs e Jesus apenas através dos títulos, ocultando os subtítulos, “written by herself” (“escritos por ela mesma”) e “diário de uma favelada”, respectivamente. Procedo dessa maneira por uma mera questão de economia linguística. Além disso, recorro à tradução de Felipe Vale da Silva para o português da obra de Jacobs, citando também, em notas de rodapé, os trechos originais em inglês da mesma.

silenciamento decorrente das opressões sócio-histórico-culturais sobre essas mulheres é literariamente rompido por elas através de um grito negro, feminino e marginal.

O meu objetivo principal neste artigo é analisar como Carolina Maria de Jesus e Harriet Ann Jacobs rompem com o recorrente silenciamento e a simbólica invisibilização de mulheres negras, pobres e marginalizadas ao escreverem suas próprias biografias. A análise dessa ruptura conta com as conceituações de lugar de fala (RIBEIRO, 2017) e de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), assim como conta com contribuições da fortuna crítica sobre Harriet Ann Jacobs (CARBY, 1987; NUDELMAN, 1992) e Carolina Maria de Jesus (FERNANDEZ, 2019; SILVA, 2017; SILVA, 2019; XAVIER, 2003). Também pretendo refletir sobre como as obras literárias dessas autoras se enquadram na convenção de veracidade e, para desenvolver tal reflexão, conto com postulações teóricas de Walter Mignolo (2001).

Em *Incidents in the life of a slave girl* e *Quarto de despejo*, ocorre uma fusão da figura real da autora com a figura literária da narradora em primeira pessoa. Para compreender melhor como essa relação entre literatura e veracidade se estabelece nas obras de Jacobs e Jesus, recorro, primeiramente, às definições, feitas pelo semiólogo argentino Walter Mignolo (2001, p. 123), de convenção de veracidade e convenção de ficcionalidade:

A linguagem é empregada segundo a convenção de veracidade V , quando todo membro M , de uma comunidade linguística C_m , ao desempenhar uma ação linguística A_l , espera que os outros membros de C_m , envolvidos em A_l , reajam de acordo a V e aceitem: primeiro, que o falante se compromete com o “dito” pelo discurso e que assume a instância de enunciação que o sustenta (por isso, o falante pode mentir ou estar exposto à desconfiança do ouvinte); e, segundo, que o enunciante espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação “extensional” com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala (por isso, o falante fica exposto ao erro). [...] [Por outro lado] a linguagem é empregada conforme a convenção de ficcionalidade F , quando todo membro M , de uma comunidade linguística C_m , ao desempenhar uma ação linguística A_l , espera que os outros membros de C_m , envolvidos em A_l , reajam de acordo com F e aceitem: primeiro, que o falante não se compromete com a verdade do “dito” pelo discurso (por isso, o falante não está exposto à mentira); e, segundo, não espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação “extensional” com objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala (por isso, o enunciante não está exposto ao erro).

Partindo da compreensão de que um texto/enunciado pode estar dentro da convenção de veracidade quando se compromete com uma correspondência entre discurso e materialidade factual ou de que um texto/enunciado pode estar dentro da convenção de ficcionalidade quando não ocorre um comprometimento de correspondência extensional com a realidade, Walter Mignolo (2001, p. 123) aponta que é um erro

[...] pensar que literatura e ficção são sinônimos. É verdade, cronológica e culturalmente, que no Ocidente, e sobretudo a partir do século VII, houve uma tendência a aceitar como literatura aqueles discursos e condutas linguísticas que se enquadraram na convenção de ficcionalidade. Mas essa conjunção não é uma necessidade lógica.

É extremamente nítido o comprometimento de Harriet Ann Jacobs, na obra *Incidents in the life of a slave girl*, e Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de despejo*, com uma correspondência entre o que é expresso literariamente e a realidade enunciada autobiograficamente. Elas reiteram diversas vezes a veracidade do próprio texto. Jacobs, por exemplo, diz: “Leitoras, eu não estou traçando um quadro imaginário dos lares do Sul. O que conto é a pura verdade” (JACOBS, 2018, p. 43)³. E Jesus, em 29 de maio de 1958, escreve em seu diário: “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 2014, p. 46). Vale destacar que a veracidade de *Quarto de despejo* é reforçada pela frequente presença de desvios em relação à gramática normativa da língua portuguesa ao longo do diário, o que é um reflexo da incipiente formação escolar que Carolina Maria de Jesus teve.⁴

Diversos elementos paratextuais⁵ em relação às obras analisadas também deixam claro que esses textos literários estão dentro da convenção de veracidade e que não devem ser lidos como ficcionais. Um exemplo disso é o Prefácio de *Quarto de despejo*, escrito pelo jornalista Audálio Dantas (2014), que reforça a autenticidade da obra de Jesus em contraposição aos descréditos sobre a veracidade da mesma⁶:

Mas, acima da excitação dos consumidores fascinados pela novidade, pelo inusitado feito daquela negra semianalfabeta que alcançara o estrelato e, mais do que isto, ganhara dinheiro, pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza.

Sobre ele escreveram alguns dos melhores escritores brasileiros: Raquel de Queiroz, Sérgio Millet, Helena Silveira, Manuel Bandeira, entre outros. O que não impediu que alguns torcessem o nariz para o livro e até lançassem dúvidas sobre a autenticidade do texto de Carolina. Aquilo, diziam, só podia ser obra de um espertalhão, um golpe publicitário.

O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com *extraordinária força criativa* mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução

³ “Reader, I draw no imaginary pictures of southern homes. I am telling you the plain truth.” (JACOBS, 1861, p. 56).

⁴ De modo geral, ao longo deste trabalho, não discrimino graficamente os desvios presentes nos trechos que cito da obra de Jesus, afinal, eles podem ser facilmente percebidos pelo leitor.

⁵ Na obra *Palimpsestes*, Gérard Genette (1982, p. 9-10) define como paratexto todo tipo de texto acessório e circundante-referente a um outro texto principal. O autor inclui no rol de elementos paratextuais títulos, prefácios, posfácios, notas de rodapé, epígrafes, ilustrações e outros, considerando que esses elementos têm como finalidade proporcionar ao leitor de um determinado texto principal algumas informações adicionais e até mesmo orientadoras sobre o mesmo (GENETTE, 1982, p. 9-10).

⁶ Não só a o diário de Carolina Maria de Jesus teve a sua autenticidade questionada, mas também o relato *Incidents in the life of a slave girl*, de Harriet Ann Jacobs, a teve. A autenticidade da obra de Jacobs foi descreditada até 1973, quando foi comprovada pelas pesquisas de Jean Fagan Yellin (1981) e de outros historiadores.

primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária de Sacramento, Minas Gerais. (DANTAS, 2014, p. 7-8).

Já no livro *Incidents in the life of a slave girl*, o prefácio de Jacobs e a Introdução da editora Lydia Maria Child exercem a função de confirmação da veracidade desse texto literário:

Leitoras, estejam certas de que esta narrativa não é ficção. Tenho consciência de que parte de minhas desventuras possam parecer inacreditáveis. Apesar disso, elas são inteiramente verdadeiras. Não exagerei no que diz respeito aos males causados pela Escravidão; pelo contrário, minhas descrições ficam muito aquém dos fatos. Oculteí nomes de lugares e dei às pessoas nomes fictícios. No que me toca, não tive motivo para manter qualquer confidencialidade, mas considerei um gesto cordial e gentil prosseguir por essa via. (JACOBS, 2018a, p. 2).⁷

Conheço pessoalmente a autora da autobiografia que segue, e tanto suas conversas quanto sua atitude me inspiraram confiança. Durante a maior parte dos últimos dezessete anos, ela viveu junto a uma distinta família em Nova Iorque, e se portou de maneira a tornar-se altamente estimada por ela. Este fato basta por si só, sem que seja necessário provê-la de demais credenciais a respeito de seu caráter. Creio que aqueles que a conhecem não colocarão dúvida sobre sua veracidade, embora certos incidentes de sua história sejam mais romanescos do que a ficção. [...] Naturalmente lhe parecerá surpreendente que uma mulher criada no Sul seja capaz de escrever tão bem. Mas as circunstâncias justificarão um tal fato. Em primeiro lugar, a natureza a dotou de percepção rápida. Em segundo lugar, sua patroa, com quem viveu até os doze anos de idade, foi-lhe uma amiga gentil e atenciosa, ensinando-a a ler e escrever. Em terceiro lugar, ela foi posta em circunstâncias favoráveis após chegar ao Norte, tendo frequentado pessoas inteligentes, cordialmente interessadas em seu bem-estar, e que estavam dispostas a dar-lhe oportunidades para se aperfeiçoar. (CHILD, 2018, p. 4).⁸

Outros elementos paratextuais, tais como os próprios subtítulos dessas obras literárias, também contribuem para reforçar a factualidade daquilo que é relatado: em *Incidents in the life of a slave girl*, o subtítulo “written by herself” (“escritos por ela mesma”), e, em *Quarto de despejo*, o subtítulo “diário de uma favelada”, estabelecem uma relação de identidade entre a autora do texto e a narradora em primeira pessoa.

⁷ “Reader, be assured this narrative is no fiction. I am aware that some of my adventures may seem incredible; but they are, nevertheless, strictly true. I have not exaggerated the wrongs inflicted by Slavery; on the contrary, my descriptions fall far short of the facts. I have concealed the names of places, and given persons fictitious names. I had no motive for secrecy on my account, but I deemed it kind and considerate towards others to pursue this course.” (JACOBS, 1861a, p. 5).

⁸ “The author of the following autobiography is personally known to me, and her conversation and manners inspire me with confidence. During the last seventeen years, she has lived the greater part of the time with a distinguished family in New York, and has so deported herself as to be highly esteemed by them. This fact is sufficient, without further credentials of her character. I believe those who know her will not be disposed to doubt her veracity, though some incidents in her story are more romantic than fiction. [...] It will naturally excite surprise that a woman reared in Slavery should be able to write so well. But circumstances will explain this. In the first place, nature endowed her with quick perceptions. Secondly, the mistress, with whom she lived till she was twelve years old, was a kind, considerate friend, who taught her to read an spell. Thirdly, she was placed in favorable circumstances after she came to the North; having frequent intercourse with intelligent persons, who felt a friendly interest in her welfare, and were disposed to give her opportunities for self-improvement.” (CHILD, 1861, p. 7-8).

Os títulos e os subtítulos das obras analisadas também demarcam o que Djamila Ribeiro (2017) denomina lugar de fala, ou seja, a posição sociocultural de enunciação discursiva, das autoras-narradoras das obras analisadas: duas mulheres negras marginalizadas socioeconomicamente, uma escrava – Jacobs – e outra favelada – Jesus. Entretanto, enquanto Carolina Maria de Jesus escreveu sobre sua vida de favelada estando nessa condição, Harriet Ann Jacobs relatou as experiências que teve como escrava após ter sido alforriada. Assim sendo, o texto de Jesus é uma expressão biográfica do presente da autora-narradora, o que é um aspecto típico do gênero diário, e o relato de Jacobs é uma expressão biográfica memorialística do passado da autora-narradora.

O lugar de fala de Jesus e Jacobs também possui um outro aspecto semelhante: elas são negras e, como tais, sofrem com o racismo estrutural presente, com suas especificidades, tanto na sociedade brasileira no século XX, no caso de Carolina, quanto na sociedade estadunidense no século XIX, no caso de Harriet. Para compreender as particularidades do lugar de fala subalterno das mulheres negras em tais contextos sócio-histórico-culturais, recorro ao conceito de interseccionalidade. Segundo Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177),

[...] a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. [...] Tais sistemas [de opressão], frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. [...] [Nos] contextos em que os danos interseccionais ocorrem – as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento.

Djamila Ribeiro (2017), na esteira do feminismo negro e levando em conta a noção de interseccionalidade, critica a universalização da categoria mulher sem levar em consideração as diversas intersecções identitárias, tais como raça, orientação sexual e classe social, que demarcam a identidade do sujeito em sociedade. A autora ainda aponta como falsa e opressora essa universalização identitária, desconsiderando certas especificidades e vulnerabilidades construídas historicamente dentro do próprio grupo das mulheres, no qual existe, por exemplo, uma marginalização mais intensa do grupo das mulheres negras do que das mulheres brancas. Dessa maneira, Ribeiro (2017) critica a invisibilização das mulheres negras até mesmo dentro do

feminismo hegemônico e, por isso, defende a demarcação dos diferentes lugares de fala dentro da categoria mulher e dentro do próprio movimento feminista.

Tendo em mente as reflexões teórico-críticas de Kimberlé Crenshaw (2002) e Djamila Ribeiro (2017) e levando em conta os lugares de fala das autoras-narradoras das obras analisadas, é possível notar o caráter transgressor de Harriet Ann Jacobs e Carolina Maria de Jesus na medida em que elas rompem com o silenciamento e a invisibilização do grupo social historicamente marginalizado das mulheres negras, que sofrem com uma opressão *sui generis* que intersecta patriarcalismo, misoginia e racismo.

A autora-narradora de *Incidents in the life of a slave girl*, sob o pseudônimo de Linda Brent, tem plena e crítica consciência de que as mulheres negras escravizadas sofriam com opressões sexuais, tais como as intimidações e os abusos sexuais de seus proprietários, que os homens negros escravizados de modo geral não sofriam. Quando Harriet, por exemplo, descobre que teve uma filha, ela se lamenta profundamente, afinal, sabia que sua filha sofreria não apenas com opressões racistas-escravocratas, mas também com opressões misóginas:

Quando me contaram que meu bebê era uma menina, meu coração ficou mais pesado do que antes. A Escravidão é terrível para os homens, mas ainda pior para as mulheres. Além do fardo comum a todos, elas são alvo de injustiças, sofrimentos e mortificações peculiares a si. (JACOBS, 2018, p. 94).⁹

A própria Harriet/Linda sofreu intensamente com intimidações sexuais do seu proprietário, o doutor Flint, cujo verdadeiro nome era James Norcom. Vale notar que Jacobs relata os abusos sexuais sofridos pelas escravas de uma maneira pouco explícita e detalhada, como uma forma de “respeitar” o código de pureza sexual das suas prováveis leitoras – mulheres brancas dos estados do Norte dos EUA, que, em sua maioria, eram protestantes. Dessa maneira, Jacobs demonstra ter, como reflete Hazel Carby (1987, p. 47-49), uma crítica consciência sobre as diferenças em termos de vivências e códigos morais entre as mulheres negras (escravizadas) e as mulheres brancas (livres), como é possível notar nos seguintes excertos do romance:

Em toda a parte, o passar dos anos traz a todos pecado e sofrimento, mas na Escravidão, a própria aurora da vida é escurecida por essas sombras. Mesmo a criancinha, acostumada a esperar por sua senhora e seus filhos, aprenderá antes dos doze anos o porquê de sua senhora odiar tal e tal pessoa entre os escravos. Talvez a própria mãe dessa criança esteja entre as odiadas. Ela ouvirá surtos violentos de ciúmes e não conseguirá entender qual a razão. Ela se tornará prematuramente consciente das coisas más. Logo aprenderá a tremer assim que ouvir os passos de seu mestre. Será compelida a perceber que não é mais uma

⁹ “When they told me my new-born babe was a girl, my heart was heavier than it had ever been before. Slavery is terrible for men; but it is far more terrible for women. Superadded to the burden common to all, *they* have wrongs, and sufferings, and mortifications peculiarly their own.” (JACOBS, 1861, p. 119).

criança. Se Deus lhe proveu de beleza, esta provará ser sua maior maldição. Esta que traz admiração à mulher branca, apenas apressa a degradação na escrava. [...] Sou incapaz de dizer o quanto sofri diante dessas injustiças, ou como ainda me sinto aflita em retrospecto. Meu mestre me encontrava em cada canto, lembrando-me que eu lhe pertencia, e jurando pelos céus e terra que iria me subjugar. (JACOBS, 2018, p. 35).¹⁰

Pena alguma pode descrever adequadamente a corrupção generalizada produzida pela Escravidão. A garota cativa é criada em uma atmosfera de licenciosidade e medo. Seus professores são o açoite e a conversa vulgar vinda do mestre e seus filhos. Quando tem quatorze ou quinze anos, seu proprietário, os filhos dele, o capataz ou ainda todos eles, começam a subordiná-la com presentes. Se fracassam em seus propósitos, ela é chicoteada ou passa fome até que se submeta a tais desejos. Ela pode ter os princípios religiosos inculcados na mente por alguma mãe ou avó religiosa, ou por uma boa senhora; ela pode ter um amante cuja boa opinião e paz mental lhe sejam caras; ou pode ainda ter asco dos homens devassos com poder sobre si. Toda a resistência é em vão. (JACOBS, 2018, p. 63).¹¹

Mas, ó, mulheres afortunadas, cuja pureza foi protegida desde a infância, que foram libertas para escolher os objetos de seu afeto, cujos lares estão protegidos pela lei; não julguem tão severamente uma garota escrava, pobre e desolada! Caso a Escravidão fosse abolida, também eu poderia ter me casado com um homem de minha escolha; poderia ter uma casa protegida pelas leis; e poderia ser poupada da tarefa dolorosa de confessar o que estou prestes a relatar. Minhas expectativas, porém, foram destruídas pela Escravidão. (JACOBS, 2018, p. 66).¹²

A interseccionalidade de opressões vivenciadas por mulheres negras escravizadas é exposta de maneira crítica na obra de Jacobs, mesmo que, às vezes, a autora-narradora recorra a uma expressão subliminar sobre os abusos sexuais vividos por elas. Se, por um lado, Harriet diferencia o sofrimento vivenciado por escravos e escravas, por outro lado, ela diferencia, de modo geral, a condição sexual de mulheres brancas (livres) e mulheres negras (escravas). Ao fazer uma distinção

¹⁰ “Every where the years bring to all enough of sin and sorrow; but it slavery the very dawn of life is darkened by these shadows. Even the little child, who is accustomed to wait on her mistress and her children, will learn, before she is twelve years old, why it is that her mistress hates such and such a one among the slaves. Perhaps the child’s own mother is among those hated ones. She listens to violent outbreaks of jealous passion, and cannot help understanding what is the cause. She will become prematurely knowing in evil things. Soon she will learn to tremble when she hears her master’s footfall. She will be compelled to realize that she is no longer a child. If God has bestowed beauty upon her, it will prove her greatest curse. That which commands admiration in the white woman only hastens the degradation of the female slave. [...] I cannot tell how much I suffered in the presence of these wrongs, nor how I am still pained by the retrospect. My master met me at every turn, reminding me that I belonged to him, and swearing by heaven and earth that he would compel me to submit to him.” (JACOBS, 1861, p. 45-46).

¹¹ “No pen can give an adequate description of the all-pervading corruption produced by slavery. The slave girl is reared in an atmosphere of licentiousness and fear. The lash and the foul talk of her master and his sons are her teachers. When she is fourteen or fifteen, her owner, or his sons, or the overseer, or perhaps all of them, begin to bribe her with presents. If these fail to accomplish their purpose, she is whipped or starved into submission to their will. She may have had religious principles inculcated by some pious mother or grandmother, or some good mistress; she may have a lover, whose good opinion and peace of mind are dear to her heart; or the profligate men who have power over her may be exceedingly odious to her. But resistance is hopeless.” (JACOBS, 1861, p. 79-80).

¹² “But, O, ye happy women, whose purity has been sheltered from childhood, who have been free to choose the objects of your affection, whose homes are protected by law, do not judge the poor desolate slave girl too severely! If slavery had been abolished, I, also, could have married the man of my choice; I could have had a home shielded by the laws; and I should have been spared the painful task of confessing what I am now about to relate; but all my prospects had been blighted by slavery.” (JACOBS, 1861, p. 83-84).

crítica entre as vivências de mulheres brancas e negras, Jacobs denuncia o apagamento, o silenciamento e a invisibilização sócio-histórico-cultural das mulheres negras, revelando como esse grupo era um dos mais marginalizados na e pela sociedade escravagista estadunidense do século XIX.

Na obra *Quarto de despejo*, Carolina também apresenta uma significativa consciência sobre o seu lugar de fala e sobre a importância de romper com o silenciamento e a invisibilização dos grupos marginalizados/oprimidos que ela interseccionalmente pertencia: dos favelados, dos negros, das mulheres e das mães solteiras. Carolina sofre, simultaneamente, com a miséria, com o racismo e com a misoginia. A escrita de um diário e a tentativa (bem-sucedida) de publicá-lo foram uma forma da autora-narradora se contrapor criticamente a essas formas de opressão, num fazer literário de denúncia social. Carolina Maria de Jesus, ao escrever o seu diário, não o faz apenas como um exercício de expressão autobiográfica crônica, mas também o faz como um consistente projeto de denúncia social que ultrapassa a sua vivência particular, empregando-a como um pretexto para fazer críticas sobre mazelas coletivas e estruturais e não meramente privadas. Por isso, Mário Augusto Medeiro da Silva (2019, p. 5) aponta que “Carolina Maria de Jesus é uma autora multifacetada e deslizante. Aparentemente sem um projeto literário maior que o de narrar sua vida e o cotidiano que a envolvia, ela tece uma escrita íntima, de si, dos outros, da cidade, do país” (2019, p. 5). Numa interpretação similar à de Mário Augusto Medeiro da Silva (2019, p. 5), Elódia Xavier reflete que

Carolina, apesar de ser negra, catadora de papel e favelada, sente-se diferente dos demais porque dispõe do dom da palavra escrita [...] [fazendo] desse dom uma arma de denúncia, apontando todos os aspectos negativos da vida na favela e as injustiças cometidas contra os miseráveis [...]. São frequentes e veementes as acusações contra o poder econômico, refletindo conhecimento da História e da realidade presente [...]. Esse mesmo tom de denúncia atinge também os políticos, que faturam em cima da miséria dos favelados. Carolina tem consciência do que significa a favela como investimento político, sobretudo em época de eleição. [...] Seu sentimento de revolta não se prende, unicamente, à miséria dos favelados, mas tem uma dimensão maior, uma vez que abrange o país como um todo, revelando não só uma consciência política mas, sobretudo, sentimento patriótico. (2003, p. 267-269).

Em vários trechos do diário de Carolina, é possível notar que ela de fato assume a postura de uma escritora marginal engajada em denunciar literariamente certas mazelas sociais:

[19 de maio de 1958] Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. (JESUS, 2014, p. 36).

[5 de junho de 1958] [...] as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador

que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo. (JESUS, 2014, p. 53).

[13 de junho de 1958] Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria. (JESUS, 2014, p. 61).

É interessante notar que Carolina, apesar de não ter sido uma escrava, ao contrário de Jacobs, percebe a si própria como assujeitada a um novo tipo de escravidão, de tal forma que ela escreve, em 15 de julho de 1955: “[...] o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 2014, p. 11). Em 13 de maio de 1958, Carolina é ainda mais enfática para denunciar o novo tipo de escravidão: “É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2014, p. 30-32). No último excerto supracitado, a autora-narradora de *Quarto de despejo* reflete, na condição de uma mulher negra e favelada, sobre as reverberações do sistema escravocrata na sociedade brasileira contemporânea. Através de uma crítica irônica, Carolina comemora o dia da abolição da escravatura antiga, mas, ao mesmo tempo, luta “contra a escravatura atual”. Nessa perspicaz reflexão, Jesus aponta que a miséria é uma forma de escravidão, afinal, ela subtrai a autonomia e a dignidade do ser humano enquanto sujeito. Além disso, o tratamento social que os miseráveis geralmente recebem é análogo ao descarte de objetos inúteis jogados num quarto de despejo, tal como a favela, o que os relegaria ao nível dos escravos, tendo em vista que a reificação de seres humanos é um traço definidor da escravidão. Sobre a reificação dos miseráveis e a marginalização deles nas favelas, Carolina escreve, em 19 de maio de 1958: “[...] quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (2014, p. 37).

Apesar de assumir uma postura de poeta marginal, uma poeta do lixo, que testemunha diretamente e na própria pele certas mazelas sociais, Carolina apresenta ao longo de *Quarto de despejo* uma postura ambivalente em relação aos próprios favelados, ora colocando-se como uma porta-voz e defensora deles, ora os rejeitando e percebendo-se como superior a eles. Os seguintes excertos do diário indicam essa postura ambivalente de Carolina em relação aos favelados:

[18 de julho de 1955] Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade. (JESUS, 2014, p. 15-16).

[20 de maio de 1958] Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotinho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 2014, p. 37).

[1 de junho de 1958] [...] [minha mãe] formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que [...] eu tenho dó dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezo, pessoas de espírito perverso. (JESUS, 2014, p. 49).

[4 de julho de 1958] Porque será que o pobre não tem dó do outro pobre? (JESUS, 2014, p. 81).

[13 de agosto de 1959] O que se nota é que ninguém gosta da favela, mas precisa dela. Eu olhava o pavor estampado nos rostos dos favelados. (JESUS, 2014, p. 190).

A ambivalência de posturas de Carolina em relação aos favelados forma um quadro complexo sobre a vida na favela e aponta que ali não há apenas mazelas materiais, mas também morais. Além disso, Jesus ora tenta se destacar do contexto da favela, como uma observadora externa superior, especialmente do ponto de vista moral e intelectual, ora reconhece que também faz parte daquele contexto. Elódia Xavier (2003, p. 267) reflete que Carolina, como se considerava culturalmente superior porque lia e escrevia, dificilmente fazia amizades e se integrava à comunidade da favela do Canindé, e, por isso, era duplamente excluída – da classe dominante (fora da favela) e da classe dominada (dentro da favela).

Carolina, ao longo do seu diário, deixa evidente que é uma favelada que não quer mais viver na favela. A escritura do seu diário, inclusive, tem também o seguinte propósito explicitado em 27 de julho de 1955: “[...] estou escrevendo um livro, para vende-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 2014, p. 27). De modo geral, considero que a escrita do diário de Carolina se dá por quatro razões principais: (1) ser uma denúncia contra as mazelas sociais, especialmente contra a degradante miséria da vida dos favelados; (2) ser um texto literário cuja a publicação e venda proporcionaria dinheiro para Carolina e seus três filhos saírem da favela do Canindé; (3) ser uma válvula de escape da desgastante rotina doméstica, maternal e de trabalho da autora-narradora¹³; e (4) ser uma expressão existencial, artística e intelectual que a escritora considerava como uma forma de diferenciação dela em relação aos demais favelados.

Ao contrário de Carolina Maria de Jesus, que possuía diversas razões para escrever *Quarto de despejo*, Harriet Ann Jacobs possuía um único e nítido propósito para escrever *Incidents in the life of a slave girl*: contribuir para o movimento abolicionista, como ela própria aponta no Prefácio de sua obra:

Não escrevi minhas experiências a fim de atrair atenção para minha pessoa; pelo contrário, teria sido mais agradável guardar silêncio sobre minha história. Tampouco me importo de despertar compaixão em relação aos meus sofrimentos. O que desejo, sinceramente, é despertar nas mulheres do Norte sensibilidade acerca da condição de dois milhões de mulheres no Sul, ainda vivendo em servidão, sofrendo o que eu sofri, e muitas delas ainda mais do que isso. Quero adicionar meu testemunho ao de penas mais hábeis a fim de convencer as pessoas dos estados livres acerca do que a Escravidão de fato é.

¹³ Em 20 de julho de 1955, Carolina Maria de Jesus expressa que a escrita é uma válvula de escape da sua desgastante rotina: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 2014, p. 22).

Apenas por experiência pode-se notar quão profundo, obscuro e pestilento é um tal abismo de práticas abomináveis. (JACOBS, 2018a, p. 2-3).¹⁴

A obra literária *Incidents in the life of a slave girl* se insere em grande medida dentro do movimento abolicionista das *Slave Narratives* (“Narrativas de Escravos”), que se desenvolveu, nos Estados Unidos, no século XVIII e principalmente no século XIX até o final da Guerra Civil (1861-1865). Contudo, Franny Nudelman, no artigo *Harriet Jacobs and the Sentimental Politics of Female* (1992), reflete que a obra de Jacobs apresenta oscilações entre um estilo sentimentalista, típico das *Slave Narratives*, e um estilo crítico ao próprio Sentimentalismo. Segundo Nudelman, a perspectiva sentimentalista

[...] assumes that reader and character are essentially alike. Sentimental narration can aspire to the complete and reciprocal communication of feeling because it believes in universal sentiment, native human responses that are not bound by circumstance. Sentimentality relies on generic rather than eccentric reactions – fear, sorrow, and indignation which can be broadly and flexibly applied. [...] The communication of suffering is not only sentimentality’s object, but also its method: sentimentality relies on bodily suffering, or bodily manifestations of emotional suffering, to signify and convey feeling. The body can communicate universal sentiment most effectively because its responses, particularly to pain, are predictable and legible. (1992, p. 945-946).¹⁵

Se, por um lado, na obra *Incidents in the life of a slave girl*, Jacobs às vezes adota uma postura que se aproxima do Sentimentalismo, que apela para o *moral sense* (“senso moral”), numa otimista universalização da capacidade de empatia humana a partir da moral e das emoções, em outros momentos do relato, a autora-narradora critica esse mesmo otimismo sentimentalista:

A degradação, as injustiças, os vícios que derivam da Escravidão vão além do que eu sou capaz de descrever. São maiores do que vocês estão dispostas a crer. Isto é certo: caso confiem em metade das verdades que ouviram a respeito de milhões

¹⁴ “I have not written my experiences in order to attract attention to myself; on the contrary, it would have been more pleasant to me to have been silent about my own history. Neither do I care to excite sympathy for my own sufferings. But I do earnestly desire to arouse the women of the North to a realizing sense of the condition of two millions of women at the South, still in bondage, suffering what I suffered, and most of them far worse. I want to add my testimony to that of abler pens to convince the people of the Free States what Slavery really is. Only by experience can any one realize how deep, and dark, and foul is that pit of abominations.” (JACOBS, 1861a, p. 6).

¹⁵ Traduzo a seguir o trecho citado: “A perspectiva sentimentalista presume que leitor e personagem são essencialmente iguais. A narração sentimentalista pode aspirar à comunicação completa e recíproca do sentimento, porque acredita no sentimento universal, nas respostas humanas naturais que não estão vinculadas pelas circunstâncias. O Sentimentalismo baseia-se mais em reações genéricas, tais como medo, tristeza e indignação, que podem ser ampla e flexivelmente aplicadas, do que em reações excêntricas. [...] A comunicação do sofrimento não é apenas o objeto do Sentimentalismo, mas também seu método: o Sentimentalismo depende do sofrimento corporal ou das manifestações corporais do sofrimento emocional para significar e transmitir sentimentos. O corpo pode comunicar o sentimento universal de maneira mais eficaz, porque suas respostas, particularmente à dor, são previsíveis e nítidas.”

de mulheres indefesas sofrendo nessa servidão cruel, vocês do Norte não ajudariam a piorar ainda mais uma tal opressão. (JACOBS, 2018, p. 34).¹⁶
 Tenham piedade e me perdoem, ó, leitoras virtuosas! Vocês nunca souberam o que é ser uma escrava, estar inteiramente desprotegida pela lei e pelos costumes, ser reduzida por lei à condição de mercadoria, inteiramente sujeita ao desejo de outrem. Nunca esgotaram sua ingenuidade tentando evitar o desdém alheio ou escapar do poder de um tirano odioso; nunca estremeceram ao ouvir o som de seus passos, ao ouvir sua voz. Sei que fiz mal. Ninguém pode senti-lo mais incisivamente do que eu. A memória dolorosa e humilhante me assombrará até o dia de minha morte. Ainda assim, olhando para trás com calma, para os eventos de minha vida, sinto que a mulher cativa não deve ser julgada nos mesmos termos que as outras. (JACOBS, 2018, p. 68).¹⁷

Apesar de, às vezes, ser possível observar na obra de Jacobs um tom sentimentalista, a crítica da autora-narradora em relação ao otimismo sentimentalista de despertar, através do *moral sense*, a empatia de outrem sobre opressões que ele não vivenciou na pele, parece ser não apenas uma oscilação estilística, mas a principal postura literária adotada ao longo de *Incidents in the life of a slave girl*. Afinal, desde o Prefácio, Jacobs diz que “apenas por experiência pode-se notar quão profundo, obscuro e pestilento é um tal abismo de práticas abomináveis” (2018a, p. 3)¹⁸. Se Jacobs apela para o *moral sense* das prováveis leitoras brancas do Norte, ela o faz com ressalvas e plenamente consciente de que o seu apelo é apenas uma imperfeita tentativa para que elas compreendam e se comovam sobre mazelas escravocratas que elas jamais vivenciaram na pele. Harriet demonstra ter uma nítida consciência do abismo que a separa, enquanto uma mulher negra que foi escrava, em relação às suas leitoras, mulheres brancas livres. Dessa maneira, a recorrente pretensão sentimentalista das *Slave Narratives* de estabelecer uma identificação empática entre o leitor e os personagens escravos nos textos literários é posta em xeque em *Incidents in the life of a slave girl*, fazendo com que a obra de Jacobs assuma uma postura transgressora e marginal dentro desse movimento literário.

A diferença demarcada criticamente por Jacobs entre as mulheres negras (escravas), grupo no qual ela se insere, e as mulheres brancas (livres), grupo no qual estão as prováveis leitoras de *Incidents in the life of a slave girl*, configura, de acordo com Franny Nudelman (1992, p. 957), um

¹⁶ “The degradation, the wrongs, the vices, that grow out of slavery, are more than I can describe. They are greater than you would willingly believe. Surely, if you credited one half the truths that are told you concerning the helpless millions suffering in this cruel bondage, you at the north would not help to tighten the yoke.” (JACOBS, 1861, p. 45).

¹⁷ “Pity me, and pardon me, O virtuous reader! You never knew what it is to be a slave; to be entirely unprotected by law or custom; to have the laws reduce you to the condition of a chattel, entirely subject to the will of another. You never exhausted your ingenuity in avoiding the snares, and eluding the power of a hated tyrant; you never shuddered at the sound of his footsteps, and trembled within hearing of his voice. I know I did wrong. No one can feel it more sensibly than I do. The painful and humiliating memory will haunt me to my dying day. Still, in looking back, calmly, on the events of my life, I feel that the slave woman ought not to be judged by the same standard as others.” (JACOBS, 1861, p. 86).

¹⁸ “Only by experience can any one realize how deep, and dark, and foul is that pit of abominations.” (JACOBS, 1861a, p. 6).

abandono da sentimentalista retórica da identificação em favor de uma retórica do contraste. Nudelman ainda reflete que

The rhetoric of contrast, like the rhetoric of sentimental identification, relies on suffering, but uses it to figure the opacity rather than the transparency of the slave woman's experience. Jacobs uses her inability to communicate her suffering to demand sympathy and attention on the basis of exceptionality rather than universality – she employs difference itself as a means of conveying marginal experience. (1992, p. 957).¹⁹

A substituição de uma retórica da identificação tipicamente sentimentalista, que possui uma pretensão universalizadora sobre a moral e as emoções humanas, por uma retórica do contraste, que possui um caráter que desnuda as especificidades, às vezes intransponíveis, das vivências humanas dependendo dos lugares de fala ocupados pelos interlocutores, estabelece uma peculiar dialética com o Sentimentalismo presente na literatura abolicionista. Afinal, Jacobs não abandona a pretensão sentimentalista de mobilizar a empatia de suas leitoras, mas, ao mesmo tempo, critica o otimismo ingênuo do Sentimentalismo abolicionista, que desconsidera os enormes fossos em termos de lugares de fala entre os escravos/ex-escravos e as pessoas que jamais vivenciaram na pele a escravidão. Jacobs, assumindo uma postura profundamente crítica e perspicaz, considera que a empatia de suas leitoras brancas do Norte em relação à causa abolicionista é com certeza possível, entretanto, seria sempre imperfeita, incompleta e distante.

Considero que Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de despejo*, também constrói, em certos momentos, uma retórica do contraste, mesmo que de uma maneira menos explícita e intensa do que a que ocorre em *Incidents in the life of a slave girl*. O grande contraste estabelecido entre a autora-narradora de *Quarto de despejo* e o seu público leitor ideal é a própria miséria vivenciada por ela, mas que provavelmente nunca fez parte das experiências de vida dos seus leitores. Jesus não escreve para os favelados e miseráveis, que, de modo geral, não possuem o hábito da leitura, mas sim para um público leitor fora da favela. Em 7 de julho de 1958, Carolina escreve:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, 2014, p. 85).

¹⁹ Traduzo a seguir o trecho supracitado: “A retórica do contraste, como a retórica da identificação sentimental, baseia-se no sofrimento, mas o emprega para destacar a opacidade e não a transparência da experiência da mulher escrava. Jacobs usa sua incapacidade de comunicar seu sofrimento em busca de empatia e atenção com base na excepcionalidade e não na universalidade - ela emprega a própria diferença como meio de transmitir a experiência marginal.”

No trecho supracitado, Carolina Maria de Jesus expõe uma enorme diferença entre a favela e a cidade. Para ser mais preciso, Carolina considera que as favelas são as úlceras e os quartos de despejo do meio urbano, especialmente das cidades grandes brasileiras. As favelas são, sobretudo, uma consequência do desamparo do poder público, da política institucional. Por isso, em 13 de agosto de 1959, Jesus afirma: “O que se nota é que ninguém gosta da favela, mas precisa dela” (JESUS, 2014, p. 190). Expondo essa grande diferença entre a favela e o ambiente urbano fora da favela e considerando que Carolina escreveu o seu diário para um público localizado nesse segundo ambiente e não no primeiro, defendo que é construída uma retórica do contraste na obra *Quarto de despejo*.

Enquanto que *Incidents in the life of a slave girl* se alinha ao Sentimentalismo abolicionista das *Slave Narratives* e ao mesmo critica alguns de seus pressupostos basilares (NUDELMAN, 1992), o diário de Carolina Maria de Jesus pode ser compreendido, em termos de movimentos literários, como um precursor, no Brasil, da Literatura Marginal Periférica. Mário Augusto Medeiro da Silva (2019, p. 3-4) aponta que, nas últimas décadas, as obras de Carolina Maria de Jesus vêm sendo ressignificadas no cenário da literatura brasileira, através, por exemplo,

[...] do movimento da Literatura Marginal Periférica nos anos 2000, através do escritor Ferréz – para quem Carolina seria uma precursora das questões literárias e sociais defendidas por esse autor e por um conjunto de escritores que se identificam com o projeto que ele lançou.

A literatura marginal de Carolina Maria de Jesus pode ser compreendida como uma poética de resíduos, como defende Rafaella Fernandez (2019), uma vez que a autora de *Quarto de despejo* apresenta uma estética literária fragmentária e em constante mutação, uma escritura inacabada como um barraco de favela, um devir trapeiro de literatura-reciclagem (FERNANDEZ, 2019, p. 18), tal como é nitidamente sintetizado no seguinte trecho do diário em 6 de julho de 1958: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (JESUS, 2014, p. 81). Carolina desenvolve, enfim, uma

[...] escritura tortuosa [que] se revela a expressão mais fiel da dura rotina que marca o cotidiano de trabalho de uma mulher negra que percorre incansavelmente as ruas de São Paulo em busca dos restos, os quais vão lhe garantir mínimas condições de vida, para suprir tanto a si quanto a seus filhos. (FERNANDEZ, 2019, p. 7).

Tendo em vista que a rotina de Carolina Maria de Jesus era árdua enquanto favelada, catadora de lixos recicláveis e mãe solteira de três filhos, a escrita do seu diário só era possível em pequenos intervalos de tempo, em “migalhas temporais”. O processo de escritura de *Incidents in the life of a slave girl*, de Harriet Ann Jacobs, foi muito similar ao de Carolina. Afinal, Jacobs, enquanto

uma mulher negra subalterna, que fugiu do sistema escravocrata do Sul dos EUA, escreveu o seu relato com grandes dificuldades, dadas as exigências da sua rotina, tal como a escritora aponta no Prefácio da sua obra:

Desde que pisei no Norte, foi necessário que eu trabalhasse diligentemente para me sustentar e para educar meus filhos. Isso não me deixou muito tempo livre para compensar a perda de oportunidades de me aperfeiçoar desde cedo, forçando-me a escrever estas páginas em intervalos irregulares, sempre que eu conseguia escapar de meus deveres domésticos por uma horinha. (JACOBS, 2018a, p. 2).²⁰

O trecho supracitado revela uma das preocupações principais de Harriet Ann Jacobs ao longo da obra: a maternidade. A preocupação em conseguir dar uma vida digna aos seus dois filhos, livrando-os da escravidão, perpassa grande parte da narrativa de Jacobs, como é possível notar em um dos últimos parágrafos do texto:

Leitoras, minha história termina com liberdade; não do jeito usual, com casamento. Eu e meus filhos agora somos livres! Estamos tão livres do poder dos escravagistas como a gente branca do Norte; embora isso, de acordo com meus princípios, não seja dizer grandes coisas, é uma melhora enorme em minha condição. O sonho de minha vida ainda não se realizou. Não estou instalada com meus filhos em minha própria casa. Ainda anseio por meu próprio lar, por mais humilde que seja. Desejo isso mais pelo amor de meus filhos do que por minha própria vontade. (JACOBS, 2018, p. 240).²¹

Uma grande preocupação com a maternidade também está profundamente presente no diário *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que se angustia constantemente com a miséria que ela sofre junto com os seus três pequenos filhos:

[20 de julho de 1955] Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (JESUS, 2014, p. 22).

[9 de julho de 1958] Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos. (JESUS, 2014, p. 87).

[16 de junho de 1959] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2014, p. 174).

²⁰ “Since I have been at the North, it has been necessary for me to work diligently for my own support, and the education of my children. This has not left me much leisure to make up for the loss of early opportunities to improve myself; and it has compelled me to write these pages at irregular intervals, whenever I could snatch an hour from household duties.” (JACOBS, 1861a, p. 5).

²¹ “Reader, my story ends with freedom; not in the usual way, with marriage. I and my children are now free! We are as free from the power of slaveholders as are the white people of the north; and though that, according to my ideas, is not saying a great deal, it is a vast improvement in *my* condition. The dream of my life is not yet realized. I do not sit with my children in a home of my own. I still long for a hearth-stone of my own, however humble. I wish it for my children’s sake far more than for my own.” (JACOBS, 1861, p. 302-303).

Tanto Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, quanto Harriet Ann Jacobs, em *Incidents in the life of a slave girl*, são mães solteiras que não demonstram se preocupar com o casamento com um homem, apesar de perceberem como “[...] pungente a condição de mulher sozinha sem homem no lar” (JESUS, 2014, p. 22). Jacobs até mesmo ironiza sutilmente a sua despreocupação em arranjar um marido no desfecho do relato: “Leitoras, minha história termina com liberdade; não do jeito usual, com casamento” (JACOBS, 2018, p. 240)²². Jacobs e Jesus apenas desejavam construir um bom e digno lar para ela e seus filhos viverem. Enquanto Jacobs parece ser simplesmente indiferente ao matrimônio, dizendo sem muito interesse que “caso a Escravidão fosse abolida, também eu poderia ter me casado com um homem de minha escolha” (JACOBS, 2018, p. 66), Jesus explicitamente rejeita o matrimônio:

[13 de agosto de 1959] Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens. Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos. Eu, nunca tive sorte com homens. Por isso não amei ninguém. Os homens que passaram na minha vida só arranjaram complicações para mim. Filhos para eu cria-los. (JESUS, 2014, p. 189).

A indiferença de Jacobs e a rejeição de Jesus ao matrimônio revelam uma postura transgressora das escritoras em relação ao patriarcalismo presente nos contextos sócio-histórico-culturais em que elas viveram. Tais mulheres negras, conscientes das dificuldades de ser uma mãe solteira, assumindo sozinha o trabalho de criar e cuidar de seus filhos, numa relativa postura de emancipação feminina, rompem com o pressuposto patriarcalista da necessidade da presença de um cônjuge masculino no ambiente familiar.

Outros dois temas perpassam tanto *Incidents in the life of a slave girl* quanto *Quarto de despejo*: a ambígua postura do cristianismo em relação às mazelas sociais e o suicídio como uma forma de cessar os sofrimentos vividos. Os seguintes excertos das duas obras analisadas dizem respeito a tais temas:

Após o alvoroço decorrente da insurreição de Nat Turner atenuar, escravagistas chegaram à conclusão de que seria certo dar a seus escravos a instrução religiosa suficiente para evitar que matassem os mestres. [...] O pio sr. Pike escovou seu cabelo para cima e num tom grave e solene, começou: “Ouvi, servos! Prestai bem atenção em minhas palavras. Sois pecadores rebeldes. Vossos corações estão cheios de toda a sorte de males. É o diabo quem vos tenta. Deus está furioso, e certamente vos punirá se não deixardes vossos caminhos malignos. [...] Devei abandonar os caminhos do pecado e ser servos fiéis. Obedecei ao velho mestre e ao jovem mestre – à velha senhora e à jovem senhora. Caso desobedecerdes

²² Esse trecho do desfecho de *Incidents in the life of a slave girl* também é uma ironia em relação aos inúmeros romances da época que terminavam com casamentos felizes – romances que provavelmente eram lidos por muitas mulheres livres brancas no Norte dos Estados Unidos.

vosso mestre na Terra, ofendereis também vosso Mestre celestial. Vós deveis obedecer aos mandamentos de Deus”. (JACOBS, 2018, p. 83-84).²³

Por vezes, achava que Deus fosse um pai misericordioso, que perdoaria meus pecados por causa de meus sofrimentos. Em outras ocasiões, parecia que não havia justiça ou piedade no governo divino. Questionava-me o porquê de Ele permitir a maldita Escravidão a existir, e por que eu tinha sido perseguida e injustiçada desde minha juventude. Essas coisas tomaram as proporções de um mistério que até hoje não está claro em minha mente, embora creia que estará no futuro. (JACOBS, 2018, p. 147).²⁴

Meus amigos temiam que eu me ficasse aleijada para o resto da vida, e eu estava tão exausta por meu longo período de encarceramento que, não fosse pela esperança de servir meus filhos, seria grata por morrer. Contudo, por causa deles, eu estava disposta a aguentar. (JACOBS, 2018, p. 151).²⁵

[30 de maio de 1958] [...] será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome? (JESUS, 2014, p. 46).

[8 de junho de 1958] [...] Deus é sobrio. É o advogado dos humildes. Os pobres são criaturas de Deus. (JESUS, 2014, p. 56).

[14 de junho de 1958] Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. [...] Quero ver como é que vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima. (JESUS, 2014, p. 61).

[21 de junho de 1958] Quando eu fiquei doente eu andava até querendo suicidar por falta de recursos. (JESUS, 2014, p. 67).

[8 de julho de 1958] Fico pensando na vida atribulada e pensando nas palavras do Frei Luiz que nos diz para sermos humildes. Penso: se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo generos deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras. (JESUS, 2014, p. 85-86).

Nos vários excertos supracitados, as autoras-narradoras assumem uma postura crítica em relação ao conformismo cristão diante dos sofrimentos humanos e ao próprio tabu cristão sobre o suicídio. Apesar de Jacobs estar dentro de uma tradição estadunidense tipicamente protestante e

²³ “After the alarm caused by Nat Turner’s insurrection had subsided, the slaveholders came to the conclusion that it would be well to give the slaves enough of religious instruction to keep them from murdering their masters. [...] Pious Mr. Pike brushed up his hair till it stood up-right, and, in deep, solemn tones, began: “Hearken, ye servants! Give strict heed unto my words. You are rebellious sinners. Your hearts are filled with all manner of evil. ‘Tis the devil who tempts you. God is angry with you, and will surely punish you, if you don’t forsake your wicked ways. [...] You must forsake your sinful ways, and be faithful servants. Obey your old master and you young master – your old mistress and your young mistress. If you disobey your earthly master, you offend your heavenly Master. You must obey God’s commandments.”(JACOBS, 1861, p. 105-107).

²⁴ “Sometimes I thought God was a compassionate Father, who would forgive my sins for the sake of my sufferings. At other times, it seemed to me there was no justice or mercy in the divine government. I asked why the curse of slavery was permitted to exist, and why I had been so persecuted and wronged from youth upward. These things took the shape of mystery, which is to this day not so clear to my soul as I trust it will be hereafter.” (JACOBS, 1861, p. 186).

²⁵ “My friends feared I should become a cripple for life; and I was so weary of my long imprisonment that, had it not been for the hope of serving my children, I should have been thankful to die; but, for their sakes, I was willing to bear on.” (JACOBS, 1861, p. 192).

Jesus possuir uma postura genérica e sincrética em relação aos diversos segmentos do cristianismo, as autoras-narradoras das obras analisadas não lidam com a sua religiosidade de uma maneira dogmática, muito pelo contrário. Elas recorrentemente se questionam sobre como o Deus cristão pôde permitir a existência de tantas mazelas sociais, dado que Ele seria supostamente onipotente e onisciente. Que espécie de Deus da omissão seria esse? E qual seria a legitimidade de muitos discursos hipócritas ou tolos de certos sermões cristãos? Entretanto, paralelamente, Harriet e Carolina também depositam em Deus, enquanto uma entidade metafísica e supostamente provedora e justa, suas esperanças de superação das mazelas sociais que elas vivenciam na pele. As escritoras oscilam antiteticamente entre essas duas posturas – uma crítica e outra meramente esperançosa – em relação ao cristianismo. Além disso, ora elas assumem uma postura de confronto em relação às terríveis mazelas sociais que vivem, ora percebem no suicídio, numa ruptura à moral cristã que o condena profundamente, uma maneira drástica de não sofrerem mais.

Tendo em vista as análises desenvolvidas neste artigo, confirmo a hipótese de que a escritura de *Incidents in the life of a slave girl* e *Quarto de despejo* configuram uma ruptura em relação ao silenciamento social daqueles que estão em uma situação de subalternidade: no caso de Jacobs, como uma mulher negra que foi escrava, e, no caso de Jesus, como uma mulher negra favelada. A assunção de uma voz crítica dessas escritoras em contextos sócio-histórico-culturais profundamente patriarcalistas, racistas e misóginos é por si só uma significativa transgressão ao *status quo*. Gislene Alves da Silva (2017, p. 70), seguindo uma linha similar de pensamento, reflete que, de modo geral, as escritoras negras

[...] mesmo tendo passado por processos de silenciamento, [...] conseguem, em certa medida, romper com as relações opressoras de poder. Ao terem uma postura proativa, sobre a necessidade imperiosa de escreverem e publicarem, estão, ao mesmo tempo, investindo ativamente para a transformação de uma cultura hegemônica da opressão.

É possível que algum leitor das obras literárias *Incidents in the life of a slave girl* e *Quarto de despejo* questione a veracidade das mesmas, acusando-as de serem autobiografias excessivamente dramatizadas, o que supostamente não faria jus a uma pretensa objetividade discursiva. Entretanto, de acordo com Walter Mignolo (2001, p. 129), o emprego de “[...] estratégias discursivas que dramatizam os acontecimentos narrados”, com o intuito de produzir determinados efeitos, “[...] não é incompatível com a convenção de veracidade”. Essa constatação de Mignolo (2001, p. 129) pode ser perfeitamente justificada pelo fato de que discurso algum pode ser neutro ou imparcial, uma vez que todo discurso parte necessariamente de um sujeito, situado num determinado contexto sócio-histórico-cultural e comprometido com determinadas perspectivas de mundo.

Logo, pretender alcançar uma imparcialidade discursiva é o mesmo que negar a própria constituição dos discursos e dos seres humanos enquanto seres históricos. De fato, *Incidents in the life of a slave girl* e *Quarto de despejo* possuem nítidas estratégias discursivas que dramatizam os acontecimentos narrados, mas isso, de maneira nenhuma, oblitera a filiação das mesmas à convenção de veracidade.

Referências

CARBY, Hazel V. *Reconstructing Womanhood: The Emergence of the Afro-American Woman Novelist*. New York: Oxford University Press, 1987.

CHILD, Lydia Maria. Introduction by the editor. In: JACOBS, Harriet Ann. *Incidents in the life of a slave girl*. Written by herself. Boston: Thayer & Eldridge, 1861. Disponível em: <<https://english.hku.hk/staff/kjohnson/PDF/JacobsINCIDENTS1861.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

CHILD, Lydia Maria. Introdução da editora. In: JACOBS, Harriet Ann. *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*. Tradução de Felipe Vale da Silva. São Paulo: Aetia Cultural, 2018. p. 4-5.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

DANTAS, Audálio. Prefácio: a atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 6-8.

FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

JACOBS, Harriet Ann. *Incidents in the life of a slave girl*. Written by herself. Boston: Thayer & Eldridge, 1861. Disponível em: <<https://english.hku.hk/staff/kjohnson/PDF/JacobsINCIDENTS1861.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

JACOBS, Harriet Ann. Preface by the author. In: JACOBS, Harriet Ann. *Incidents in the life of a slave girl*. Written by herself. Boston: Thayer & Eldridge, 1861a. Disponível em: <<https://english.hku.hk/staff/kjohnson/PDF/JacobsINCIDENTS1861.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

JACOBS, Harriet Ann. *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*. Tradução de Felipe Vale da Silva. São Paulo: Aetia Cultural, 2018.

JACOBS, Harriet Ann. Prefácio da autora. In: JACOBS, Harriet Ann. *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*. Tradução de Felipe Vale da Silva. São Paulo: Aetia Cultural, 2018a. p. 2-3.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. Tradução de Joyce Rodrigues Ferraz. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e História na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 115-135.

NUDELMAN, Franny. Harriet Jacobs and the Sentimental Politics of Female Suffering. *ELH*, v. 59, n. 4, p. 939-964, Winter, 1992. Disponível em: <https://www.academia.edu/1248414/Harriet_Jacobs_and_the_Sentimental_Politics_of_Female_Suffering>. Acesso em: 7 jun. 2019.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Gislene Alves da. O mito da fragilidade nunca vestiu o corpo negro feminino. *Litterata*, Ilhéus – Bahia, v. 7, n. 1, p. 56-71, jan.-jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1443>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Prefácio. In: FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019. p. 3-6.

XAVIER, Elódia. O corpo a corpo na literatura brasileira: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 253-275.

YELLIN, Jean Fagan. Written by Herself: Harriet Jacobs's Slave Narrative. *American Literature*, v. 53, n. 3, p. 479-486, nov. 1981. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fulllist/second/en213/term1/incidents_essay_3.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Recebido em: 31/8/2019

Aprovado em: 25/10/2019